Portugueses já põem mais combustível do que antes da troika

A cada ida aos postos de abastecimento, os portugueses puseram, nos primeiros três meses, uma média de 22,77 litros. Em 2011, ano do pedido de resgate, punham menos. E agora a factura é menos pesada.

PAULO MOUTINHO
paulomoutinho@negocios.pt

As idas aos postos de abastecimento são, actualmente, mais esporádicas. Isto porque os portugueses estão a aproveitar para abastecerem o depósito com mais combustível. Põem 22,77 litros de cada vez, o que é mais até do que punham em 2011, ano marcado pela chegada da troika. Uma evolução para a qual contribui, essencialmente, a baixa acentuada dos preços da gasolina e do gasóleo, fazendo encolher a factura a pagar.

"O estudo da Kantar Worldpanel revela uma quebra no número de abastecimentos" que passou de 7,5 para apenas sete durante o primeiro trimestre deste ano, nota a APED. Contudo, observou-se um aumento de 10% no volume médio de litros abastecidos em cada ida ao posto. Se há um ano, em cada ida ao posto os portugueses abasteciam 20,7 litros de gasolina ou gasóleo, no arranque deste ano esse número passou para 22,77 litros.

Os litros abastecidos em cada ida ao posto afundaram com a crise, mas estão a recuperar. E estão já acima do que se registava quando Portugal pediu ajuda externa. Segundo dados da Kantar Worldpanel, em 2011, os portugueses abasteciam, em média, 22,52 litros, pagando um valor bem mais elevado do que agora. Considerando os litros abastecidos, bem como o preço médio dos combustíveis no primeiro trimestre, de 1,25 euros, o que representa uma queda de 12,5% face ao período homólogo, a factura fica-se pelos 28,46 euros. São, em média, 200 euros de despesa por trimestre.

O custo é inferior se se considerarem os valores dos combustíveis nos postos dos hipermercados que são já responsáveis por quase um em cada três litros vendidos no país (têm uma quota de 28,4%, em volume). É que estes apresentam um "preço médio por litro de 1,19 euros, inferior em nove cêntimos aos preços praticados pelas empresas petrolíferas", refere o estudo revelado pela APED.

"A grande distribuição é quem está a passar para o consumidor o maior valor", diz Ana Isabel Trigo Morais. "Faz parte da abordagem deste sector" ao mercado de combustíveis, rematou a directora-geral da APED, acrescentando que a associação "vê com naturalidade" a comercialização de produtos simples por parte das marcas de referência, idênticos aos que são vendidos pelos postos dos hipermercados. "É mais um desafio", reconheceu. E antecipa que "vai haver uma intensificação da concorrência" com a oferta de combustíveis idênticos. ■

Miguel Baltazar

Hipermercados têm preços, em média, nove cêntimos inferiores às marcas.